

Hoje é domingo, 19 de maio de 2019. São 9h e 16 minutos da manhã, estamos em Belém Novo, região metropolitana de Porto Alegre. Juruna, o pescador que irá nos guiar até as ilhas, conta que na semana passada fez o mesmo trajeto com um número menor de pessoas e que o barco virou no meio do rio. Segundo ele, estava chovendo, e as marolas tornaram o trajeto instável. Não há sinal de chuva para hoje, mas estamos com o barco sobrecarregado. Somos oito no total, sem contar ele, que via em pé na parte de trás, impulsionando-nos através de uma grande vara de taquara. Deslizamos em silêncio, dessa maneira, ele explicou, não queremos atrapalhar as formações locais. Já faz mais ou menos um mês que as notícias sobre a ilha começaram a circular nos jornais. Eu perguntei para o Juruna e ele me disse que, entre os pescadores, só rumores. Que na verdade um escutou do outro que contou sobre aquela aparição após ouvir alguém dizer que tinha se perdido no meio do Guaíba atrás de uma boa pescada e quando notou estava como que flutuando sob um redemoinho de sons, sons muito estranhos e que soavam familiares, como se estivesse na margem, mas olhava ao redor e estava no meio do rio, só havia água, mas sentia como se estivesse em terra firme, o barco até parado estava, e eu perguntei a Juruna quem era esse pescador que fez esse relato e ele me disse que ninguém sabia quem era. Mas que desde então, todos tinham receio de se perderem na tal "ilha sonora". Um amigo do Rio de Janeiro me falou que por lá já estão comentando sobre a história. Aqui em Porto Alegre não há local que se vá que alguém não discuta a existência desta ilha de som. Mas acho que somos o primeiro grupo que decide ir de encontro à ela. Agora são 9h e 18 minutos e o barco já está em movimento. Daqui, vejo um monolito sozinho no meio do rio. Quando estamos obstinados a encontrar algo, queremos que qualquer coisa que apareça na nossa frente seja aquilo que procuramos. Ao olhar para o monolito, me pergunto se aquilo é realmente um monolito, um semicírculo concretado a esmo do meio do nada, ou se talvez já seja uma formação da ilha. Meus olhos se confundem com aquilo que desejo ver. Os outros, aqui comigo, também observam essa aparição. Provavelmente também se sentem como eu. O barco sacoleja e somos obrigados a movimentar o corpo de forma a compensar a falta de peso nas áreas que quase encostam na água. Ao mesmo tempo que tenho medo de afundar no rio, penso que não seria uma má ideia. Juruna pergunta, preocupado, se há água na parte da frente do barco. Dizemos que tem um pouquinho, e ele finge calma. Todos respondem suas impressões sobre a quantidade de água acumulada, que são variadas, uma pocinha, afunda o pé, só os dedinhos, isso é um indicativo que nós devemos voltar? E ele responde que só estava curioso. O horizonte é torto, e balança junto a nós. Já nos afastamos bastante do ponto de saída e agora o que se estende a nós é somente um extenso de água sem nenhuma visibilidade.

Lista de utensílios: seis mochilas de tamanho médio, uma corda, duas bússolas, três câmeras fotográficas digitais profissionais, dois gravadores nagra, um microfone de curta-alcance, um microfone de longo-alcance, dois fones de ouvido, uma cuca de maçã, duas garrafas de um litro de suco, uma de laranja e outra de uva, sanduíche de queijo, presunto e frango, um bloco de papéis milimetrados, lápis e canetas, uma câmera fotográfica analógica, oito celulares, duas chaves de carro, uma cartela de aspirinas, um decibelímetro, duas taquaras grandes, um facão. Juruna rema o barco com mais facilidade do que nós operamos nossos equipamentos. Seu domínio sobre o seu ofício é muito maior do que o nosso sobre o que fazemos. Não consigo evitar de olhar para Juruna mas ao mesmo tempo sei que não devo observá-lo. Fiz menos perguntas do que gostaria por medo

de ultrapassar um certo limite. Não sei que tipo de relação temos. Na verdade não temos nenhum tipo de relação, ele nem sequer sabe nossos nomes. À escuta das ilhas, ele fica distante apesar de junto, como se não quisesse ouvir. Alguém disse que viu ele tirando tampões de algodão dos bolsos durante alguma manobra do barco. O que será que ele teme? Enquanto rema, não faz nenhum comentário, além do necessário, e fuma um cigarro atrás do outro. Quando fala é para nos dar alguma instrução de como manter o barco equilibrado. Fora isso, fica quieto. A sua sombra projeta-se na água como se fosse um pedaço de terra, um aglomerado de plantas aquáticas vadiando por aí. Passa despercebido, e nós, imersos no seu silêncio, também nos colocamos nessa postura. Quando já não falávamos mais, quando já pouco nos movíamos, pudemos começar a escutar. E assim o barco foi tomando seu rumo até avistar uma primeira ilhota de areia. Eram três as ilhas que aparecem sem marcação no mapa, sem nome, sem habitação. Ninguém explicou porque ou como se formaram, até o testemunho de um dos pescadores da vila ressoar pelas rádios confirmando que era sim, aqueles sons, que tinham acumulado, mexido, organizado, esculpido aquelas ilhas. Quais sons? A entrevistadora perguntou, e ele respondeu que todos os sons que nós produzimos na cidade e que chegaram até o meio da baía. Mas que no meio da baía soavam distintos, tinham um outro poder. Não sabemos se esta ilha é ou não é uma ilha sonora. Ela é pequena, porém, foi possível atracar, e todos descemos. Juruna fuma e, com um balde, tira água de dentro do balde. Apesar o chão arenoso, a ilha é coberta por plantas, um mato alto e novo, que suspende seu aspecto sujo, do acúmulo de lixo que ali chega. Há uma boneca despedaçada meio enterrada, de aparência bastante mórbida. Parece que alguém já esteve aqui antes, ao mesmo tempo que sugere ser um pedaço de terra abandonado. Todos se espalham pela pequena quantidade de areia disponível para buscar resquícios, rastros, alguma coisa, que pudesse nos comprovar a formação pelo som. Plantas aquáticas colonizam a beira, assim como garrafas plásticas cheias até a metade. Juruna diz que, dois anos atrás, essa ilha não estava aqui. Eu só consigo olhar para cima e observar a grande quantidade de teias de aranha que se espalham pelas árvores. Nós somos intrusos no meio daquele ecossistema. Curiosamente, nada soa. Como Juruna, e seu silêncio, aqui tudo é quieto, frágil. Como se congelado no tempo. Uma música vem de longe. Todo som que é possível ouvir, não nasce daqui de dentro. Nem mesmo o mover das aranhas, delicadamente, parece fazer alguma diferença. A paisagem sonora que vem da cidade parece invadi-la, e impedir que a ilha produza o seu próprio som. No seu marasmo, a ilha parece nos pedir para ir embora.

Daqui já dá para ver a segunda ilha. Estamos chegando perto dela, apesar da sua curiosa cor branca, como uma geleira que não derrete nas águas quentes tropicais. Conforme vamos chegando mais perto, é possível ver um montante que ganha altura, como uma barraca, ou um iglu, onde alguém poderia habitar. Todos ficamos curiosos para saber se era seguro descer, quem mora ali, perguntamos ao Juruna quem mora ali e ele fechou a cara, disse que faríamos uma parada emergencial só para tirar a água do barco e sair o mais rápido possível. Ninguém saiu do barco, quando atracou na superfície mole e branca daquilo que já não se revelava gelo mas sal. Um estuário salobro, este. Mas como tanto sal teria se acumulado assim, capaz de sustentar um abrigo, ou ainda, como se separou da água, dos outros elementos? Shh! Alguém silenciou meus pensamentos. Ao longe um grave contínuo pulsava, como o motor de uma máquina, ou a engrenagem de uma fábrica, um ruído branco que provavelmente não escutaríamos em outro lugar. A ilha parecia uma

tradução daquele som: reta, plana, branca, constante e instável. Coletamos uma amostra do solo quando começaram a latir. Três cachorros salinos surgiram de dentro do iglu como se protegessem algo precioso lá dentro. Todos que continham aparatos e tecnologias em suas mãos suaram e derrubaram e apesar da rápida recuperação, vimos nossos gravadores e máquinas correrem, desfaleceram, virarem sal. Fomos obrigados a sair enquanto ouvíamos os estalos caninos se perdendo ao longe do mar. Perguntei a quem estava fotografando se havia conseguido alguma foto daqueles habitantes, e a resposta foi positiva. Imagens fotográficas poderiam descrever o que estamos vivendo aqui? Já é mais de meio dia, o sol torra nossas caras, e o minvano passa a criar certas ondulações na água. No horizonte aberto vemos aproximar um empilhamento de pedras, que nos excita, uma paisagem rochosa inacreditável. Sua composição é inteiramente feita de pedras, de cores similares, mas de alturas distintas. De uma certa perspectiva, aparentam montanhas. Não sabemos bem ao certo dizer se as pedras estão na nossa frente, ou atrás, para qual direção apontam, as bússolas estão loucas aqui, como se sob um ponto magnético. O barco tenta algumas vezes atracar, mas Juruna diz que as correntes giram e nos impedem, que está difícil, como se forças das pedras repelissem o barco. Nessas voltas de tentativas, observamos as pedras magnéticas que são como amontoados de ferro. Era como se estivéssemos parado no tempo, indo para um outro lugar que não aquele, que não no meio do Guaíba. Juruna, após um certo tempo, logra o feito e nos coloca para dentro, dizendo que era seguro escalar. Parece que aqui ele já desceu, penso eu. Parece haver silêncio. Me sinto como naqueles milharais que dizem ser marcados por extraterrestres. Parece impossível que um número tão grande de pedras se junte, que forme um conjunto de terra e que possamos chamar aquilo de ilha. Aproximando bem, é possível ver que são limalhas comprimidas, pequenas partículas de ferro, de escombros, de carcaça, de velharia, aglutinadas. Que máquina foi capaz dessa composição? Como obra das forças sonoras, os restos férreos tornavam-se monumentos. No topo de uma das pedras, um corvo nos observa. Parece também ser feito de pedra, imóvel, com um canto singular e ritmado. No momento em que pisamos na ilha, ele levanta voo e vai embora. Canta uma última vez. Mas sua presença fica esculpida na pedra, o seu assento, o seu lugar. Seria o seu canto o motor daquelas esculturas?

Já está mais do que certo que a nossa presença perturba o equilíbrio natural das coisas. São ilhas desertas, e que assim desejam ficar. Desertas. Sem a nossa presença. Me pergunto como seria uma ilha formada só pelos sons do corpo, da nossa respiração, do soar da nossa voz. Teria cavernas, depressões? Seria porosa como a nossa pele? De algum lugar ao norte, batucadas passam, dominam o ambiente. É como se a cada palpitação do atabaque, uma pequena rocha emergisse da água. Quanto tempo tardou para essa ilha se formar? Quantas horas sonoras são necessárias para estremecer o assoalho dessa baía? Agora, há silêncio. Já são duas da tarde de domingo, 19 de maio de 2019. Já vejo a praia se aproximando. Olho para trás na tentativa de guardar a imagem das três ilhas, que aos poucos, se afastam. Qual a imagem de um som? Teríamos nós visto algo, ou apenas escutado o seu soar intermitente? Provavelmente nunca mais veremos nenhuma delas, como nenhuma outra pessoa jamais viu. Voltamos por outro caminho, por causa do vento, e conseqüentemente a corrente poderia nos levar para um lugar indesejado, como levou aquele pescador ao redemoinho sonoro primeiro. Penso que talvez quiséssemos parar lá. O único som que resta é o do barco, um som gutural, rangendo e perfurando a água. Ouço também o som da taquara que o move, tem uma textura espessa, como se

atravessasse lama. Qual a dureza deste solo? Poderia eu levantá-lo com a minha própria voz? Já não temos mais medo de cair dentro do rio. Sinto as correntes quentes do atabaque, do latido do cachorro, do caminhar das aranhas pelo ar. Tudo vibra, tudo soa. Estamos quietos, exaustos. Juruna nos carrega pelos braços, na margem daquilo que chamamos terra. Me pergunto se encontramos algo, e não sei responder. Não sei se aquelas eram ilhas sonoras. Não sei se elas realmente estão lá. Não seriam aparições vibrantes, fantasmas de terra, presenças sonoras que despontam no meio do horizonte. Se o sol esquentou demais os nossos miolos e vimos coisas, ou se ouvir permitiu ver, não sei. Já estamos quase chegando na praia de onde partimos, e vejo mais uma vez o monolito. Dessa vez, não me confundo, pela certeza que há algo, ali, que se pode ver.